



Este artigo tem o propósito de iniciar uma discussão acerca das implicações da objetivação do trabalho na escola, tomando como ponto de partida a tese de pós-doutorado de Gilberto Luiz Alves sobre “A produção da escola pública contemporânea”.

Palavras-Chave: Escola pública contemporânea;
objetivação do trabalho; novas tecnologias.

This article purports to begin a discussion about implication of objectification relating to work in schools, and takes for its starting point the postdoctorate thesis of Gilberto Luiz Alves on the “production of contemporary public school”.

*Keywords: contemporary public school;
objectification relating to work; new technologies.*

A Objetivação do Trabalho na Escola

Implicações educativas atuais*

Carla Villamaina C.
de Souza
Celeida Maria Costa
S. Silva
Fátima Regina R.
Burlamaqui
Samira S. Pulchério
Lancillotti
Sônia Mara Flores

A recente pesquisa de pós-doutorado do professor Gilberto Luiz Alves sobre 'A produção da escola pública contemporânea', pela importância de suas proposições e pela provocação de suas conclusões, deverá suscitar muita polêmica entre os estudiosos. A intenção do autor nessa pesquisa acadêmica é exatamente essa, ou seja, levar o debate à sociedade no sentido de se estar pensando ou reclamando uma nova organização da escola.

Em referência ao atual modelo de organização escolar, é impossível não concordar com o autor quando este aponta o esfacelamento desse sistema. A pesquisa de Alves, sobre a escola pública contemporânea, nesse sentido, é bastante ampla e radical.

Radical porque o autor consegue mergulhar nas origens desse modelo escolar e apontar para sua crise. Sua crítica é profunda pois não apenas aponta a necessidade de introdução de novas técnicas, como também defende a ampliação da ação social da escola. Assim, Alves conclui que é preciso pensar na 'construção' de um novo espaço educativo que possa atender às necessidades da sociedade atual.

Nesse sentido, essa foi nossa preocupação quando, no período em que freqüentávamos o curso de mestrado, discutimos em vários momentos suas proposições em sala de aula, tentando refletir sobre essa 'nova escola'.

Dentre as inúmeras questões candentes, a discussão ficou centralizada, sobretudo, na modernização da escola, seus novos recursos e suas implicações no trabalho do educador. Por esse motivo, optamos por iniciar aqui uma dis-

* Texto elaborado coletivamente pelas alunas do 2º semestre do Mestrado em Educação da UFMS/1998.

cussão a respeito da cristalização do professor manufatureiro e desse modelo de organização na atualidade.

A defesa do autor pela introdução de tecnologia se justifica pela necessidade de se estar ampliando as possibilidades de pesquisa, e de comunicação dentro da escola¹. Acrescenta, ainda que sua modernização permitiria um barateamento de seus serviços, o que seria imprescindível nesse momento de crise, de escassez de recursos e de aumento pela demanda dos serviços escolares. Este último dado pode ser verificado, sobretudo, nesses últimos anos, o que indica que há uma necessidade cada vez maior de investimentos por parte do poder público.

O atendimento dessa demanda representou inúmeras mudanças nas estratégias que definem o financiamento público do governo, principalmente no que se refere ao atendimento do ensino fundamental. Os cofres públicos - já tão exauridos - têm apresentado inúmeras dificuldades no sentido de manter esse sistema que dá claro sinal de esgotamento. Assim, é imprescindível sua modernização, a introdução de novas tecnologias que viriam superar as ferramentas manufatureiras.

Em tempos de tecnologia avançada e final de século a discussão sobre os meios ainda utilizados na escola, como, por exemplo, o manual didático, parece ser um tema um tanto quanto ultrapassado, entretanto este instrumento ainda faz parte da realidade de muitas escolas públicas e privadas e é mantido em detrimento do uso dos modernos recursos disponíveis.

A petrificação do atual modelo de atuação didática se deve tão somente a uma atitude conservadora e de resistência às novas possibilidades tecnológicas? A quem estaria servindo este modelo?

Quando se trata de analisar os interesses que garantem a manutenção do manual didático, pode-se apontar a comercialização editorial como fortemente articulada para ampliar sua esfera de ação, fato que já foi assinalado por Alves.

A corroborar com essa manutenção, verifica-se, nos âmbitos federal, estadual e mu-

nicipal, a promoção de assessorias técnicas de alto custo para a capacitação do professor, sem ao menos repensar os seus instrumentos cotidianos da sala de aula, que se constituem, ironicamente, num concorrente desleal frente à tecnologia moderna.

O que se vê, ano após ano, é a conservação e priorização do livro didático, que é instrumento revestido de uma suposta qualidade, pelas avaliações governamentais.

Ainda que se verifique a introdução de computadores no âmbito escolar, não se observa a efetivação de um assessoramento eficiente ao educador, até porque somente a aprendizagem de técnicas de funcionamento da ferramenta não se traduz numa mudança efetiva da prática escolar.

Assim, ao se propor a introdução de um novo instrumento de apoio ao trabalho do professor, neste fim de século, nada mais evidente do que apresentar as ferramentas fornecidas pela informática e todos os demais aparatos tecnológicos mais avançados, já utilizados pelos alunos fora do ambiente escolar e obviamente mais estimulantes e interativos do que a pobre figura do professor e seus adornos envelhecidos, que cabem apenas neste meio “*embolorado*” que é a escola.

Além da substituição do manual didático pelas novas tecnologias, Alves defende também a reintrodução dos livros clássicos na escola já que apenas a introdução de novos recursos não assegura uma nova forma de organização didática. Essa proposição levamos a deduzir que o autor aponta a necessidade da atuação de um educador com maior domínio teórico-prático, ou seja, um profissional com um conhecimento mais amplo. Nesse sentido, poderíamos indagar se o profissional que temos hoje na escola poderia responder a essa proposta.

A discussão sobre o tipo de profissional adequado a essa proposta também é preocupação de Alves, quando afirma em entrevista à Revista *Mais Saber*² que a escola deverá ter também em seu meio, professores e outros especialistas com mestrado e doutorado. Parece estar propondo um modelo de professor com um conhecimento mais amplo e globalizado em todas as áre-

¹ O autor sugere além disso, outros métodos de trabalho, como por exemplo a possibilidade de estar trabalhando com projetos desde as séries iniciais, buscando a autonomia do aluno e incentivando a pesquisa desde cedo. Comentaremos mais adiante a respeito dessa proposta.

² Por uma nova escola. *Mais Saber*, Campo Grande : n.º 1, p.13-16,1998.

as, como o artesão, não em seus aspectos de prática capitalista elementar, mas de seus conhecimentos ampliados, de domínio do todo de sua ação, contrário ao saber fragmentado.

Podemos crer que, tendencialmente, haverá uma maior oferta de profissionais com esta formação no mercado de trabalho, provocando o aumento da concorrência e o barateamento dessa mão de obra. Mas cumpre assinalar que essa formação não é suficiente para assegurar o educador reclamado pelo autor.

Outra questão também já observada por Alves na referida entrevista, é que esse educador será menos solicitado pelo aluno a partir da implementação de novas tecnologias no cotidiano escolar. A utilização de novos recursos implicaria necessariamente numa maior autonomia do aluno, reduzindo a necessidade de acompanhamento direto pelo professor. Este teria a função de propor projetos, orientar e sistematizar o conhecimento.

Acerca das possibilidades de uma ampliação da autonomia do aluno no processo de sua formação cabem algumas considerações. A introdução da informática necessariamente provocará o afastamento do professor das atividades diárias do aluno, que conseqüentemente terá maior autonomia. Isso será possível nas séries iniciais?

O autor coloca que os novos recursos tecnológicos podem facilitar o acesso à informação. Esta é uma questão indiscutível; contudo, se pensarmos que a educação não se processa apenas no espaço escolar, poderemos estabelecer um paralelo com a ampliação dos meios de comunicação de massa, como a televisão, por exemplo, que faz parte do dia a dia da população já de muito tempo, e, como transmissora de informação, pouco favorece a autonomia de pensamento da criança. Assim, ponderamos que esta autonomia tem de ser construída.

O uso do computador tem como premissa que o usuário seja letrado, tenha domí-

nio mínimo das atividades do ler e contar, que a informática, de per si não lhe dá. Portanto, retomando a discussão anterior, os professores de primeiras letras são mais demandados que os de outras séries posteriores.

Esse acesso se faz via um mediador que ainda deve ser o professor, já que os pais, por um lado estão preocupados com outras atividades de manutenção e, por outro, pertencendo às camadas populares, não têm acesso às novas tecnologias, o que pode ser favorecido pela escola.

Esse mediador a partir do domínio das ferramentas da informática, poderia facilitar a articulação entre a cultura socialmente acumulada e o aluno (softwares, "trocas" on-line, palestras, aulas, debates) favorecendo avanços, provendo conhecimentos.

Porém, não podemos esperar que a utilização desses instrumentos modernos por si só dêem lugar à transformação da organização didática, sem que se discuta que tipo de profissional poderia atender à proposta de Alves.

Sem a superação do professor manufatureiro incorre-se no risco de que os softwares se constituam numa nova versão do manual didático, seja em sua concepção ou em sua utilização.

Dessa forma, não podemos esperar do uso da informática mais do que ela pode oferecer, pois pensamos que não substitui o professor em alguns níveis, oportuniza sim que, superado o anacronismo do uso do livro didático, também o professor, em contato com um instrumento mais aberto, plástico, que lhe permita romper com as barreiras impostas pelo seu instrumento histórico, resgate a visão de totalidade.

A proposta de Alves é polêmica, requer o debate, e, nesse sentido, os educadores tem um papel fundamental a cumprir. A eles cabe ampliar essa discussão e levá-la à sociedade, para num esforço conjunto lutar por uma escola que corresponda às necessidades contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Gilberto L. *A produção da escola pública contemporânea*. Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- . Por uma nova escola. *Mais Saber*. Campo Grande: n.º 1, p.13-16, 1998.
- MARX, K. *O capital: a crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.